

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.053

FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA E INCLUSÃO: UM OLHAR A PARTIR DAS LENTES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR NA UEPB

JULIANA NÓBREGA DE ALMEIDA

Professora Doutora, da UEPB/Guarabira. Líder do Grupo de Pesquisa Saberes da Educação Geográfica GPSEG/UEPB. E-mail: julianageo2020@servidor.uepb.edu.br

RESUMO

A presente pesquisa foi baseada nas vivências dos estudantes do curso de Geografia da UEPB/Guarabira ao realizarem o Estágio Supervisionado Curricular III e IV em 2022 e 2023, no qual a professora titular da disciplina construiu um mosaico educacional, por meio das lentes dos sujeitos participantes. A metodologia da pesquisa é qualitativa e baseada na Pesquisa-Ação. Durante o estágio os estudantes socializaram suas ideias, possibilidades e dúvidas reais, dentre elas a importância de construir práticas de inclusão, seja por meio da produção de recursos didáticos e linguagens utilizadas durante as microaulas e regências. Os estudantes destacaram a grande responsabilidade que possuem ao realizarem essas escolhas, sobretudo diante da diversidade humana que compõem uma sala de aula, pois nem sempre o ensino ofertado esta articulado com os sujeitos do processo educativo, o que muitas vezes provoca uma distorção que pode ganhar graves dimensões, dificultando a aprendizagem dos alunos. Não podemos negar que o estágio é um momento limitado, por isso não se pode esperar que durante o componente tenhamos total profundidade dos processos educacionais inerentes a profissionalização docente. Em muitos momentos os estágios apresentam problemas devidos a efetivação de modelos cristalizados que são repassados durante o componente, promovendo uma reprodução cíclica de ações tradicionalista, que reprime o ensino, com ações neutras, homogeneizando a sala de aula. Para tanto, é primordial superar os estigmas negativos que rondam o universo do estágio, que reduz a sua capacidade criadora. Entre os impactos e desafios, o Estágio deve promover ao

estudante em formação inicial um crescimento formativo, uma vez que: conhecimento é poder e a educação verdadeira é libertadora e dessa forma, não podemos construir educação libertadora em gaiolas, as soluções não são fáceis e não podem ser resolvidas com atitudes inflexíveis e fechadas.

Palavras-chaves: Estágio Supervisionado Curricular, Educação, Inclusão, Formação de Professores de Geografia.

INTRODUÇÃO

Para Novóia (2007), a formação do professor não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso, é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência para o professor. Essa é uma ideia importante, sobretudo quando pensamos no papel dos professores na escola básica, pois precisamos de uma formação docente baseada na investigação, pesquisa e valorização da reflexividade.

Para que isso se efetive, é necessário que o profissional da educação observe o cotidiano e as vivências da sala de aula, bem como a relação existente entre professores e alunos na educação básica, e assim possa unir os saberes construídos no ambiente acadêmico, quanto as experiências que ocorrem no chão da sala de aula, construindo saberes/fazeres, para a profissionalização docente.

Por isso, os momentos de Estágios Curricular Supervisionados devem proporcionar de maneira mais explícita essas e outras dimensões pedagógicas para que a formação do professor, esteja em consonância com a realidade da sala de aula e dos sujeitos que protagonizam esse processo (professores e alunos). No entanto, ao desenvolver os Estágios, nem sempre isso ocorre, pois são inúmeros os entraves relatados pelos estudantes durante os Estágios.

Quando nos deparamos com o curso de Geografia da UEPB/Guarabira, temos particularidade que nos preocupam enquanto formadores dos futuros professores, essas estão descritas pelo fato de que, existem poucas escolas públicas no município do campus, sobretudo se compararmos com o número de estudantes do curso que precisam realizar os Estágios, por isso muitos precisam desenvolver os estágios em outros municípios.

Dessa maneira, o componente de Estágio Curricular Supervisionado deve ser construído pensando na diversidade de sujeitos que compõem uma sala de aula real, ou seja, esse é um ambiente diversificado de estudantes, de dificuldades e de possibilidades. Pensando nessa pluralidade de indivíduos, mais do que nunca é necessário construirmos uma educação e educação geográfica mais inclusiva, que de vez e voz aos alunos, no qual a mediação do professor deve ser voltada para a busca de uma educação libertadora e emancipadora.

Para aprimorar essa ideia, partimos da premissa que a construção de uma sociedade inclusiva necessita de Políticas Educacionais que possuam como princípio educacional, a inclusão como um ato revolucionário, na qual almeje promover justiça social. Em virtude disso, a formação do professor de Geografia deve incluir cada aluno como protagonista de um espaço e tempo individual e coletivo.

Assim, diante desse cenário, os professores precisam possuir uma formação inicial e continuada, em que eles sejam convidados a adotarem uma postura mais inclusiva, sendo esta uma forma de desenvolver atividades de ensino e aprendizagem para os jovens escolares reais, que hoje estão de maneira mais efetiva nas salas de aulas, sejam alunos atípicos ou neurotípicos, que possuem deficiência seja ela física, visual, auditiva e outras, ou transtornos globais do desenvolvimento como: Transtorno do Espectro Autista –TEA, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade –TDAH, Transtorno Opositor –TOD.

Mediante essa reflexão, a presente pesquisa foi baseada nas tessituras e vivências dos estudantes do curso de Geografia da UEPB/Guarabira, durante os Estágios Curriculares. Como metodologia da pesquisa, está possui caráter exploratório e explicativo, com abordagem qualitativa, investigando as práticas pedagógicas em Geografia, relatando a presente de múltiplos alunos na sala de aula, no qual foi registrado a presença em várias escolas de alunos com transtornos globais de desenvolvimento, sobretudo TEA. A metodologia da pesquisa é qualitativa, baseada na pesquisa participante.

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: RESSIGNIFICAÇÃO PEDAGÓGICA POR MEIOS DOS ESTÁGIOS CURRICULARES

Sem sombra de dúvidas, é necessário ressignificar a formação inicial de professores de Geografia, sobretudo diante dos momentos de Estágio. Nessa vertente, o Estágio Curricular Supervisionado, não é um apenas um componente, mas é um espaço construído para aproximar a universidade e a escola, bem como a relação entre o estudante, professor supervisor e o professor preceptor. Assim, quando pensamos nos estudantes em formação inicial acreditamos que é necessário que este seja visto como protagonista da construção da sua profissionalização.

Segundo Nóvoa (2007) a profissionalização é um processo através do qual os profissionais aumentam o seu poder/autonomia. Dessa maneira, o momento

acadêmico vivenciado durante os estágios, deve promover para o futuro professor iniciante, a construção de caminhos e tomada de atitudes que devem ser levados para a sua profissionalização, ou seja, o estágio tem o poder de proporcionar/apontar durante o curso de licenciatura, o aprofundamento das propostas didática, metodológicas, curriculares e pedagógicas voltadas para o ensino da Geografia; trazendo essas discussões para o centro da formação profissional.

Partindo dessa premissa, duas coisas são imprescindíveis na vivência do professor: a primeira é **estudar**, isso requer tempo, escolha teórica, postura prática, que leve o profissional a partir de uma reflexividade entre si e o outro (o aluno), pois mesmo depois de graduado, o professor precisa se preparar para ministrar aula. Com isso, acreditamos que estudar não é apenas ler, planejar e executar algo que faz parte do cotidiano do professor.

Estudar é se transformar (...), para transformar o outro (o aluno) com ações, escolhas e compromissos. Com essa ideia, destacamos que o professor é um profissional que precisará estudar durante toda a sua carreira, pois essa não se faz sem questionamentos, conhecimentos pedagógicos, científicos, curriculares, no qual contribuem efetivamente para o amadurecimento dos saberes da experiência (TARDIF, 2004). Já Nóvoa (2007) destaca que os professores reaparecem, neste início do século XXI, como profissionais insubstituíveis.

Nessa vertente, a segunda ação imprescindível do professor é adquirir **conhecimento**. O conhecimento do professor é singular, possui intencionalidade e uma práxis educativa, no qual pode promover uma educação verdadeira é libertadora, ou seja, a profissão docente possui uma práxis e ação, por isso não podemos construir educação libertadora em gaiolas, no entanto as soluções não são fáceis e não podem ser resolvidas com atitudes inflexíveis e fechadas.

Com dimensão do estudar e do conhecimento, a profissão do professor para Pimenta (2012) torna-se uma prática social, pois é uma forma de intervir na realidade constituída por uma práxis e ação. Além disso, atividade docente é uma prática social complexa que combina atitudes, expectativas, visões de mundo, habilidades e conhecimentos condicionados pelas diferentes histórias de vida dos professores, que são construídas também nos estágios na formação inicial.

Visto que, a formação do professor está relacionada a diversos momentos, espaços e tempos, que começam durante o curso de licenciatura, perguntamos aos estudantes das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado da UEPB/CH III e

IV, qual a principal reflexão o estágio deixou para a sua formação enquanto professores, eles responderam que:

O estágio na escola foi muito difícil, a metodologia tradicional do professor me dificultou, me fez quase desistir, ao me deparar com a estrutura da escola, a desorganização da escola, o desinteresse dos alunos na disciplina, muitas dificuldades que são enfrentadas nesta profissão. (Aluno A, 2022).

Mesmo com o tempo bastante reduzido a experiência com toda comunidade escolar foi muito importante porque através dela podemos ressignificar o aprendizado e pensar em novos meios de aprimorar a educação e tornar cada dia mais efetivo o processo de ensino-aprendizagem. (Aluno B, 2022).

O estágio só me acrescentou, enquanto um futuro docente, mas também como pessoa e profissional, ter a clareza da importância que a minha profissão, professor, tem para com a sociedade, me orgulha muito. Tenho a real tarefa de sempre estimular meus futuros alunos, para que eles sempre tenham o interesse de buscar algo melhor para suas vidas e para seu futuro. (Aluno C, 2022).

Com o Estágio compreendi que não adianta mais eu, enquanto professor chegar à sala de aula e apenas passar o conteúdo ordenado para meus alunos. Ao longo do meu caminho na academia apreendi que ser professor é ser educador, é fazer parte da vida de seus alunos, é ensiná-los a questionar. Hoje, tenho a plena convicção, que para me tornar um bom professor será preciso ser responsável, dedicado, didático, dinâmico, flexível, retentor de conhecimento, comprometido e, às vezes, um pouco rígido, além de gostar de ser professor. (Aluno D, 2022).

Segundo Pimenta (2012) em muitos momentos os estágios apresentam problemas devido a efetivação de modelos cristalizados que são repassados durante o componente, promovendo uma reprodução cíclica de ações tradicionalistas, que reprime o ensino, com ações neutras, homogeneizando a sala de aula. Dessa forma, entre os impactos e desafios da formação inicial dos professores o Estágio deve promover ao estudante aprofundamento do ensino e da pesquisa, da reflexão e da ação docente.

Conforme a fala dos alunos, observamos divergências no que diz respeito às vivências do estágio, no qual foi registrado dificuldades em relação ao quesito pedagógico, no qual em algumas escolas perpetua a prática de ensino tradicional. Diante disso, é primordial superar os estigmas negativos que rondam o universo do estágio, que reduzem a sua capacidade criadora.

Nas vivências dos estágios também tivemos relatos motivadores, que reafirmam o desejo ser professor de Geografia, levando-os sujeitos da pesquisa a repensarem práticas de ensino, num processo mais profundo de consciência da

dimensão da profissão, além de realizarem uma autoavaliação, se colocando no lugar dos professores diante dos desafios da sala de aula. Com isso, a formação inicial é um momento de crescimento gradativo para o futuro professor iniciante.

Durante os Estágios, os estudantes socializaram suas ideias, possibilidades e dúvidas reais, dentre elas a importância de construir práticas de inclusão, seja por meio da produção de recursos didáticos, linguagens utilizadas durante as microaulas e regências. No entanto, não podemos negar que quando pensamos na relação teoria e prática, que o estágio é um momento limitado, por isso não se pode esperar que durante o componente tenhamos total profundidade dos processos educacionais inerentes a profissionalização docente, para entendermos o cotidiano escolar, bem como a dimensão pedagógica do ensino de Geografia e a Inclusão, pois em suma, não basta saber Geografia é preciso saber ensiná-la para múltiplos alunos e garantir que eles aprendam, por isso necessitamos efetivar processos de adaptação pedagógica e de inclusão.

INCLUSÃO E ALUNOS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR A PARTIR DOS ESTÁGIOS EM GEOGRAFIA

Buscamos durante a formação inicial dos professores, sobretudo em meio aos estágios sensibilizar os estudantes, que em breve estarão em salas de aula como profissionais da Geografia, que a inclusão é um tema necessário para que a sua prática educativa seja significativa na vida dos alunos. Um professor inclusivo, não apenas assume teorias, mas, realiza associações com as vivências e possibilidades dos sujeitos, ações basilares na construção de uma educação humana e de uma Geografia da Inclusão.

Por isso, ser professor de Geografia na Educação Básica não é reproduzir o conteúdo da Geografia acadêmica, assim, é imprescindível que haja a construção de uma relação dialética do professor com a realidade dos alunos, como algo criador (CAVALCANTI, 2013). Com isso, é necessário promovermos um estreitamento entre teoria-prática que segundo Passini (2012) deve ser pautado na reflexão sobre o cotidiano, a partir dos questionamentos dos professores, articulado com a realidade de cada escola.

Diante desse quisto, gostaria de deixar registrado que a realidade das escolas e seu cotidiano, foi visto pelas lentes dos estudantes de estágio, como um mosaico

de múltiplas pessoas que antes eram pouco vistas nas escolas. Os estudantes destacaram a presença de vários alunos que possuíam transtornos Neurodiversos nas escolas, sobretudo – Transtorno do Déficit de Atenção e Imperatividade-TDAH e o Transtorno do Espectro Autista -TEA (alguns estudantes possuíam cuidadores, mais a maioria não possuíam um profissional que realizasse a mediação ente entre as professoras e os colegas de sala).

Portanto, seria necessário barrar a padronização do aluno, o que traria uma pretensão não mais fixa, e sim, alternativa e circular. Precisam parar de querer padronizar o aluno. Precisamos trazer o “diferente” para o convívio social, trabalhar conceitos, valores morais, enfim, resgatar a cultura do ser, restabelecendo as relações. A inclusão é um processo que se encontra em constante construção, as barreiras estão diminuindo, pois, padrões tradicionais estão sendo rompidos (MONTAAN, 2006). Pensando nisso, trazemos nessa pesquisa características pertinentes as pessoas que estão dentro do espectro autista, especialmente para relatar a necessidade de debates educacionais, para construirmos uma escola inclusiva e uma formação de professores para a diversidade.

Por isso perguntamos aos alunos, durante o estágio foram observadas práticas de inclusão na sala de aula? Eles relataram que:

Perguntei ao professor quais projetos de inclusão a escola tem para os alunos com TDAH, surdos, e com síndrome de Dawn, o mesmo confirmou que a escola não tem sequer uma coordenadora ou coordenador pedagógico, quanto mais projetos de inclusão, até o ano de 2021, existia apenas um aluno surdo que se encaixava nesses quesitos, e o professor disse que não sabe o motivo mais o aluno parou de ir para a escola a algum tempo. (ALUNO A).

A escola tinha a inclusão dos alunos, e tinha também as auxiliares que ajudavam muito e a professora sempre tinha a inclusão com os alunos. Eu preparei uma atividade para os alunos autistas, mas eles não vieram no dia da regência, fiz atividades com os outros alunos, era um mapa mental e eles gostaram muito e teve a inclusão de todos. (ALUNO B).

Quando perguntei a professora de geografia como eram desenvolvidas as atividades para alunos com deficiência, ela apenas comentou sobre ter que pensar em atividades que promova a inclusão e citou um dos alunos dela que é surdo, mas durante o tempo que passei lá não notei, na metodologia dela, não vi nada que de fato incluísse alunos com deficiência. Quando ela tentou se comunicar com ele, percebi que ela não sabe a língua dos sinais. Ficou subentendido que é uma exigência da escola incluir alunos com deficiência, mas que não se aplica na prática. (Aluno C)

Vivenciei uma coisa muito triste em minha turma durante o estágio, alguns alunos faziam coisas para um aluno autista repetir, imitar, foi muito ruim... o menino batia a cabeça na parede, para o outro imitar, a ponto de se machucar. (Aluno P).

Achei incrível a postura da professora com alunos autistas e com TDAH, ela fazia uma atividade avaliativa adaptada para eles, sempre inseria eles em suas discussões. (ALUNO F).

Em primeiro lugar, precisamos destacar que o (TEA) é um transtorno identificado geralmente na infância, mais em alguns casos pode ser identificado em outras fases da vida. Gaiato (2018) salienta que o próprio nome – Transtorno do Espectro do Autismo – já nos dá uma ideia de amplitude e variedade que existe no espectro. Segundo a Lei de Inclusão pessoas com TEA, são indivíduos que possuem: déficits na interação e comunicação social, além de padrões de restrição e repetição no comportamento, incluindo as atividades e os interesses com hiperfoco, além de problemas sensoriais.

Logo, o TEA não é uma doença, pois não se sabe as suas causas, apresentando-se como um Transtorno Global do Desenvolvimento. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) o autismo afeta e compromete cada indivíduo de maneira diferente, pois nenhuma pessoa com TEA é igual a outra. O TEA é considerado uma deficiência neurológica, que não tem cura, os indivíduos não possuem uma deficiência física, ou seja, que pode ser visualizada pelas pessoas.

Para Lacerda (2017) o TEA é um espectro amplo que pode ser dividido em três níveis: pessoas nível de suporte 1 (precisa de pouco suporte), nível de suporte 2 (precisa de médio suporte) e nível de suporte 3 (precisa de muito suporte, geralmente são não verbais, possuem também Deficiência Intelectual DI). No momento presente, há um número significativo de pessoas com TEA, no entanto grande parte da população ainda desconhece o tema, ou tem pouco conhecimento. Segundo os dados Centers for Disease Control and Prevention (CDC) no ano de 2000 no Estados Unidos 1 entre cada 150 crianças era autista. Já no ano 2020 houve um salto gigantesco 1 em cada 36 crianças com TEA. Muitas famílias não aceitam esse diagnóstico causando perdas de aprendizagem, socialização e comunicação para os indivíduos, muitas vezes devido a preconceito e informações equivocadas sobre o TEA.

Precisamos enfatizar que ser autista não está na moda. Isto é uma falta de respeito e sensibilidade com as pessoas autistas, sobretudo porque essa ideia alimenta o capacitismo, ou seja, o preconceito, a desinformação e a exclusão, que

enquanto profissionais da educação precisamos combater. Por isso, é nosso desejo que as pessoas que venham a ler este estudo, observem que essa pesquisa aponta reflexões, caminhos e ações que precisam ser tomadas pelos professores e pesquisadores da educação Geográfica, pois não podemos ser negligentes sobre esses relatos.

Temos a necessidade de uma escola inclusiva, ou nosso futuro escolar, estará mergulhado ainda mais numa escola que padroniza pessoas, construindo modelo irreal, tratando as pessoas com deficiência - PCD como se fossem um retrato, ou seja, que não tem opinião e nem algo relevante para ensinar e aprender. Nosso interesse, portanto, com esse tema, é mobilizar os professores e pesquisadores diante dessa realidade, pois a inclusão em muitos casos está restrita a matrícula escolar e uma rampa em algumas escolas.

Temos na escola três tipos de profissionais: os que irão tratar os alunos como invisíveis, os profissionais que não sabem o que fazer para incluir, e os que vão estudar e se aprofundar sobre a necessidade de incluir, buscando meios e caminhos para efetivar a inclusão. Precisamos ressaltar que antes de vermos a deficiência ou transtorno é preciso vermos a pessoa. Essa afirmação deve provocar uma reflexão na qual primeiro devemos enxergar a pessoa, depois a necessidade. Por isso, a inclusão nos mostra que nenhuma pessoa é invisível, seja em uma sala de aula, ou na sociedade, sejam elas detentoras de uma condição específica, temporária ou permanente.

Com isso, segundo Almeida (2022) TODOS precisam ser incluídos, inclusive os estudantes com transtornos e deficiências, os estudantes precisam desse olhar dos professores, por isso precisamos discutir sobre esse tema, orientando-os para promovermos práticas de ensino inclusiva. Com essa ação esperamos contribuir com docentes e discentes para um processo educacional inclusivo, justo e equânime.

Certamente, a proporção que a sociedade e os profissionais da educação constroem um conhecimento científico e também educacional relacionado aos processos de inclusão, passaremos a ter mais consistência em para lutarmos por mais espaços de inclusão nas escolas e no ambiente acadêmico, para quem sabe termos uma sociedade mais justa e acolhedora, tendo em vista que, para realizar a inclusão é preciso que o professor tenha conhecimento da diversidade de alunos, de transtornos, síndromes e deficiências, além da vontade de efetivar a empatia, para assim desempenhar uma práxis pedagógica que saia do (eu) o professor tradicional

e veja o nós (o outro, que muitas vezes pode ser diferente do padrão de aluno que o professor está acostumado a ver na sala de aula).

Com essa intenção é necessário que cada estudante seja tratado como uma pessoa única e relevante, no qual o professor deve potencializá-los *a ser mais* como nos diz Freire (2021) uma vez que possuímos uma pluralidades de estudantes numa sala de aula. Por isso é necessário que o professor estimule o seu protagonismo, formando uma consciência coletiva, construindo identidade e autonomia, especialmente, na promoção de uma Geografia da Inclusão.

Diante disso, é necessário mais cooperação, solidariedade, empatia, pesquisa, valorização dos saberes, afetividade dentre outras ações, uma vez que, à docência exige dos profissionais uma consciência reflexiva sobre as suas práticas, problematizando-as rompendo com o tradicionalismo, especialmente, desconstruindo os rótulos negativos, uma vez que devemos evitar práticas mecanizadas que deixam invisível os estudantes com deficiência e transtornos globais, pois todas as pessoas necessitam de uma atenção mais humanizada, como diz Mantoan (2015) a exclusão se tornou uma “epidemia social”.

Diante disso, observamos que o estágio deve ser um momento de ensino e aprendizagem que nas palavras de Anastisiou (S/A) ensinagem, processo no qual a ação de ensinar é definida na relação com a ação de aprender, pois, para além da meta que revela a intencionalidade, o ensino desencadeia necessariamente a ação de aprender. Aprender não é um processo que se efetive sem rotinas ou ocorra de forma espontânea ou mágica. Ao contrário, exige, exatamente em virtude da intencionalidade contida no conceito de ensinagem, a escolha e execução de uma metodologia adequada aos objetivos e conteúdos do objeto de ensino e aos alunos.

Por conseguinte, quando refletimos sobre esse processo, voltamos o nosso olhar para a formação inicial, no qual o ensino e aprendizagem deveriam ser etapas do processo educacional indissociáveis, mas nem sempre o ensino ocorre acompanhado pela aprendizagem. Por isso, professore precisa construir uma ponte, uma linha entre ambos.

É importante os professores conhecerem métodos como Behaviorismo radical de Skinner (1999) que apresenta para os processos de ensino e aprendizagem que o professor adote um reforço positivo e estímulo, condicionamento do comportamento operante para o estudante. O comportamento operante geram comportamento positivos devem ser reforçados, valorizando o comportamento, (pensamentos e emoções), criar um contexto favorável de motivação para o

estudante, pois estudar deve ser um ato prazeroso, trazendo motivação e entusiasmo, num ritmo individual, gradualismo (pouco a pouco) mediado por recursos didático. Pode ser realizado atividades em grupo, pesquisa com outras práticas, no entanto o erro, faz parte da aprendizagem, deve ser uma experiência não aversiva, no qual o aluno deve buscar avançar quando o professor analisa onde está o erro.

Quais as razões temos para trazer as reflexões nesse estudo? Investigar essa temática e seus rebatimentos na formação inicial dos professores de Geografia da UEPB em Guarabira, é buscar compreender as singularidades da Geografia da Inclusão para a formação dos professores, para fomentar as estratégias pedagógicas mais inclusivas. Como foi destacado na pesquisa de Santos *et al* (2022) o professor, é mediador e organizador na construção de ensino e aprendizagem, que possibilitem a inclusão escolar. É necessário que os professores e todos os que fazem parte do âmbito escolar, saibam como promover um ensino mais humano e empático, e para isso ocorrer, é imprescindível que nos atentemos a formação docente. Dessa maneira, é crucial que se forme e qualifique professores que consigam reconhecer as diferenças e particularidades dos alunos em sala de aula, aprimorando seu olhar humanitário, de cooperação e de respeito.

Portanto, a educação inclusiva se desenvolve articulando as diversas situações educacionais, envolvendo teoria e prática, uma vez que o cotidiano da sala de aula é o laboratório da profissão docente, no qual esse espaço é rico de experiências entre o universo dos professores e alunos. No momento contemporâneo, é um desafio transformar a escola em um espaço inclusivo, as dificuldades são múltiplas, elas estão ligadas a limitada formação inicial e continuada sobre esse tema, além da falta de recursos didáticos, a precária infraestrutura física e até mesmo a falta de interesse de alguns profissionais da educação, reproduzindo assim um erro secular, ou seja, padronizando os alunos, sua forma de pensar e ser no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou contribuir com uma reflexão que aprofunde o conhecimento sobre a formação docente, na qual ampliamos as discussões sobre inclusão por meio dos estágios com os estudantes em formação inicial do curso de Geografia da UEPB/Guarabira, através do ensino e da pesquisa, na construção de uma educação geográfica inclusiva.

Para isso é primordial apresentarmos discussões que trouxeram para o centro da formação professoral os processos de Inclusão e a multiplicidade de sujeitos que compõem o ambiente escolar (Deficientes físicos, auditivos, visuais, com Transtornos do Espectro Autista,

Transtorno do déficit de atenção, dislexias, discalculia e outras). Dessa maneira, nossa intenção é espalhar essa semente, por meio da relação entre o saber/fazer constituído a partir do componente de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia, com intenção de construirmos uma Geografia da Inclusão, para todos que fazem e vivem a educação, seja no âmbito superior ou escolar, de maneira direta ou indireta.

Portanto, a educação é equalizadora de oportunidade para todos os indivíduos, ajudando-os a buscarem igualdade e equidade, proporcionando para esses sujeitos uma educação de qualidade tendo em vista que a educação é sua única arma para lutarem por chances reais de superação, respeito e representatividade na sociedade, aproximando-os da educação em sua totalidade e emancipação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juliana Nóbrega de. Et al. **Geografia da inclusão: a extensão como elemento articulador da formação do professor de Geografia. Da formação do professor de geografia.** In: Educação geográfica, cultura escolar e inovação para além dos "muros" / Francisco Kennedy Silva dos Santos (Organização). – Recife, PE: Edições Legep/UFPE. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/1147022/4179590/E-book_VI+EPEG+Atualizado1.pdf/dd1b03f9-7967-4f27-86b2-fec4a1a3892a 2023

BRASIL. **Lei no 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 69° ed. Editora: Paz e Terra. Rio de Janeiro-RJ, 2021.

GAIATO, Mayra. **S.O.S autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista.** 2. ed. São Paulo: Versos, 2018.

LACERDA, LUCELMO. Luz, **Câmera, Estereótipo – Ação! A representação do autismo nas séries de TV.** Revista Espaço acadêmico, 2017.

PASSINI, Elza Yasuko. **A prática de ensino e o estágio supervisionado. Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2012.

NÓVOA, A. **Os lugares da teoria e os lugares da prática da profissionalidade docente.** Revista Educação em Questão, v. 30, n. 16, p. 197-205, 2007.

PIMENTA, Selma G. & LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e Docência.** São Paulo. Cortez Editora. 2012.

OMS (**Organização Mundial da Saúde**). CID -10: Classificação Estatística Internacional de Doenças. São Paulo: Udesp, 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Editora Summus. Coleção Novas Arquiteturas Pedagógicas, 2015.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre o behaviorismo.** 11. ed. Tradução de M. da P. Villalobos. São Paulo: Cultrix, 1999 [1974].

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola.** Campinas, SP: Papyrus, 2013.

ANSTASIOU, Léa das Graças Camargos. **DO ENSINAR À ENSINAGEM.** Universidade Federal do Paraná <https://sites.google.com/site/pccbioufam/03-textos-pedagogicos/do-ensinar-a-ensinagem> S/A.

SANTOS, Vitória Thasleny Aguiar dos. Et Al. **A formação do professor de geografia e a inclusão: tessituras sobre o papel da universidade na construção de um saber/fazer geográfico mais humano e empático Geografia da inclusão: a extensão como elemento articulador**Da formação do professor de geografia. In: Educação geográfica, cultura escolar e inovação para além dos “muros” / Francisco Kennedy

Silva dos Santos (Organização). – Recife, PE: Edições Legep/UFPE. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/1147022/4179590/E-book_VI+EPEG+Atualizado1.pdf/dd1b03f9-7967-4f27-86b2-fec4a1a3892a 2023

S/N. 1 a cada 36 crianças tem autismo. Entenda por que número de casos aumentou. Disponível em: <https://portal.trt23.jus.br/trtnoticias/noticias/fique-sabendo-fique-por-dentro/1-cada-36-criancas-tem-autismo-entenda-por-que-numero-de> 24/04/2023.